

Narrativas da Literatura Infantojuvenil que potencializam o imaginário e o espaço amazônicos por meio das linguagens verbal e visual

Narratives of Children's Literature that potentiate the Amazonian imaginary and space through verbal and visual languages

Iza Reis Gomes

IFRO

Queila Barbosa Lopes

UFAC

Resumo: A Literatura infantojuvenil contemporânea nos proporciona leituras em que somos provocados a nos colocarmos como coautores, produtores dos sentidos que o texto permite. As linguagens verbal e visual podem potencializar os sujeitos, os espaços, o imaginário, os saberes e os discursos produzidos. O objetivo desta comunicação é apresentar algumas obras literárias da Literatura infantojuvenil que tematizam a Amazônia e potencializam o imaginário e o espaço amazônico. Essa potencialização não se configura apenas pelo discurso verbal, mas outros elementos plásticos como a ilustração, as cores, a posição das personagens na folha, o tamanho da letra e das personagens, o projeto gráfico, a folha dupla e a tipografia, contribuem para que o imaginário e o espaço sejam visualizados e questionados em sua construção. As obras a serem discutidas são *Sabedoria das águas*, de Daniel Munduruku e ilustração de Fernando Vilela; *Diário das águas*, de Gabriela Romeu e ilustração de Kammal João; *Ipaty, o curumim da selva*, de Ely Macuxi e ilustração de Maurício Negro; e *A história das crianças que plantaram um rio*, de Daniel da Rocha Leite e ilustração de Maciste Costa. São narrativas que tematizam a Amazônia por diferentes vieses e potencializam o imaginário e o espaço amazônicos por meio das linguagens verbal e visual. O percurso analítico teórico é baseado nos estudos de Loureiro (2001, 2007, 2013, 2015), Munduruku (2009), Pádua (2022), Velthen (2019), Pizarro (2012), Candido (1972), Tocantins (2001) e Oliveira (2008). A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica analítica. Propomos aos leitores refletir e questionar as várias camadas de leituras e sentidos existentes nas narrativas sobre a Amazônia, numa perspectiva da literatura infantojuvenil contemporânea.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Imaginário amazônico; Linguagens verbal e visual.

Abstract: Contemporary children's literature provides us with readings in which we are provoked to place ourselves as co-authors, producers of the meanings that the text allows. Verbal and visual languages can potentiate the subjects, the spaces, the imaginary, the knowledge and the discourses produced. The objective of this communication is to present some literary works of children's literature that thematize the Amazon and enhance the imaginary and the Amazonian space. This potentiation is not configured only by the verbal discourse, but other plastic elements such as the illustration, the colors, the position of the characters on the sheet, the size of the letter and the characters, the graphic design, the double sheet and the typography, contribute to the imaginary and the space being visualized and questioned in its identity construction. The works to be discussed are *Wisdom of the waters*, by Daniel Munduruku and illustration by Fernando Vilela; *Diary of the waters*, by Gabriela Romeo and illustration by Kammal João; *Ipaty, the curumim of the jungle*, by Ely Macuxi and illustration by Mauricio Negro; and *The story of the children who planted a river*, by Daniel da Rocha Leite and illustration by Maciste Costa. They are narratives that thematize the Amazon through different biases and potentiate the Amazonian imaginary and space through verbal and visual languages. The theoretical analytical path is based on the studies

of Loureiro (2001, 2007, 2013, 2015), Munduruku (2009), Padua (2022), Velthen (2019), Pizarro (2012), Candido (1972), Tocantins (2001) and Oliveira (2008). The methodology adopted is the analytical bibliographic research. We propose to the readers to reflect and question the various layers of readings and meanings existing in the narratives about the Amazon, in a perspective of contemporary children's literature.

Keywords: Children's literature; Amazonian imaginary; Verbal and visual languages.

Recebido em 29 de julho de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

INTRODUÇÃO

A literatura escrita e ilustrada sobre a Amazônia pode ser encontrada em cinco caminhos que se cruzam e se interrelacionam na construção literária. 1- A escrita e ilustrada por estrangeiros (fora da Amazônia); 2 - a escrita e ilustrada por sujeitos que nasceram e moram na Amazônia; 3 - a escrita por não-amazônicos e ilustrada por amazônicos; 4 - a escrita por indígenas e ilustrada por não-indígenas; 5 - e a escrita e ilustrada por indígenas. Temos uma diversidade de produções em que identificamos olhares culturais que se imbricam e produzem as Amazônias da literatura infantojuvenil contemporânea. Nesse artigo, trataremos de dois caminhos de produção: a) a escrita e ilustrada por estrangeiros (não nasceram na Amazônia); b) e a escrita por indígenas e ilustrada por não-indígenas. O foco é apresentar e refletir sobre o como esses escritores e ilustradores trabalham o imaginário e o espaço amazônicos em suas obras literárias.

1 A LITERATURA AMAZÔNICA E INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Quando o texto convida o leitor à experiência estética, constrói uma relação colaborativa com esse sujeito que poderá ter a função de coautor na leitura do texto. Esse convite, na linguagem verbal, poderá ser explorado por questionamentos diretos ou indiretos à pessoa do leitor; na linguagem visual, podemos pontuar os espaços em branco, momentos de preenchimento e construção de relações entre o texto verbal e as ilustrações, além das cores e da disposição das imagens na folha. As materialidades em um texto literário, segundo Juliana Pádua (2022), estão perpassadas pelas linguagens, seja a verbal, a ilustração, a cor, o projeto gráfico, a dobra, a textura, a diagramação, a tipografia (tipo de letra, tamanho e disposição na página), os elementos paratextuais e tudo mais que compõe o arranjo literário. A literatura infantil e juvenil amazônica e indígena possuem características próprias e valorizam a cultura e a identidade.

A literatura infantojuvenil contemporânea que aborda a Amazônia é bastante plural. A alteridade se sobressai a partir de visões e experiências diferentes. É uma literatura que nos prende pela temática, pela relação entre humanos e não-humanos, pelas cores fortes e pelas ilustrações que despertam indagações e preenchimentos de algumas lacunas.

Após leituras de narrativas infantojuvenis que tematizam de forma direta ou indireta a Amazônia, identificamos uma produção com vários sujeitos, sendo indígenas e não-indígenas. Identificamos cinco grupos de produções que se diferenciam pela escrita, pelas ilustrações e pelo projeto gráfico. Possuem objetivos diferentes, no entanto, a Amazônia está presente, representada ou significada por vários olhares.

De acordo com a cultura de cada escritor, ilustrador, design, vão ocorrendo as remodelações de significações da vida, das vivências, da arte, das histórias e dos sujeitos que fazem parte desse processo de criação e reordenamento de símbolos. A literatura infantojuvenil contemporânea nos traz elementos que potencializam a narrativa e fazem com o que o leitor seja um coautor desse processo. As narrativas nos provocam de diversas formas, seja com seus espaços em branco, com suas cores carregadas de simbolismo, com o tamanhos das ilustrações, seja com os personagens ou os espaços ilustrados. A imagem de um indígena pode provocar identificação como promover outros olhares, outras significâncias extraídas de interpretações externas ao mundo amazônico.

A multiculturalidade presente na cultura amazônica é refletida nas produções literárias infantojuvenis sobre a Amazônia. A estética é diversa, pois quando tratamos de literatura indígena, cada comunidade possui a sua, não há como parametrizar essas produções. E os possíveis leitores poderão acessar a um mundo novo, mítico, repleto de aventuras, história, cultura, lendas e visões diferentes sobre um espaço que sempre foi alvo de destruição, aniquilamento, colonização e destruição; todavia, temos a literatura para combater esse contexto com narrativas que podem promover o letramento literário de forma humanizadora colocando as várias Amazônias dentro do chão da sala de aula.

A estética indígena não pode ser visualizada como única para todas as comunidades, há diferenças e significações que pontuam a identidade de cada povo. Dessa forma, são estéticas indígenas no plural. Segundo Lucia Hussak van Velthem:

Discorrer sobre as estéticas que fundamentam as artes indígenas requer a consideração de um conjunto muito amplo de técnicas, materiais, práticas, conceitos, representações que participam estreitamente das dimensões da vida cotidiana e das práticas rituais. O que o pensamento ocidental entende como arte não encontra correspondente nas sociedades ameríndias e, assim, sua

definição e circunscrição, para ser bem sucedida, deve ser efetivada em primeiro lugar por seus criadores e produtores. (2019, p. 15)

Nossa intenção é identificar e refletir como esses escritores e ilustradores produzem literatura amazônica e indígena na perspectiva do imaginário e dos espaços. E as linguagens verbal e visual contribuirão para essa reflexão.

Ressaltamos que analisar um texto indígena requer um mergulho no contexto histórico e geográfico em que está inserido. Indo, conforme Velthem nos informa, muito mais além, perpassando pelas dimensões simbólicas, cosmológicas e sociais. A pretensão desse artigo é demonstrar como as narrativas *Sabedoria das águas*, de Daniel Munduruku e ilustração de Fernando Vilela; *Diário das águas*, de Gabriela Romeu e ilustração de Kammal João; *Ipaty, o curumim da selva*, de Ely Macuxi e ilustração de Maurício Negro; e *A história das crianças que plantaram um rio*, de Daniel da Rocha Leite e ilustração de Maciste Costa potencializam o imaginário e o espaço amazônicos por meio das linguagens verbal e visual.

2 ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS AMAZÔNICOS POTENCIALIZADOS PELAS LINGUAGENS VERBAL E VISUAL EM NARRATIVAS INFANTOJUVENIS CONTEMPORÂNEAS

Os espaços amazônicos são retratados há muito tempo de várias formas. Na maioria das vezes prevalecendo o espaço sob o homem. Essa relação nos traz a grandeza da floresta e dos animais. Nas narrativas em análise, temos construções diferentes. O espaço se apresenta numa relação colaborativa com o sujeito. Loureiro afirma:

Na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística, pelas liturgias e pela visualidade (PAES LOUREIRO, 2013, p.21).

Na narrativa de Daniel da Rocha Leite e ilustração de Maciste Costa, *A história das crianças que plantaram um rio*, há essa relação, essa vivência, essa experiência que se socializa pela visualidade junto com o leitor.

Figura 1 – Rio como espaço e parte do menino



Fonte: Leite, 2013.

Na fala da página em questão, o narrador estabelece uma relação de junção com o rio, com o espaço amazônico. O rio, um elemento primordial no espaço amazônico, é visto como uma parte do menino - “Aquele rio da gente. Nós, a nossa casa, a nossa gente, um nosso lugar, rua de rio de todo um mundo” -. Esse espaço aquático é apreendido pela experiência do menino narrador ainda criança e permanece após 40 anos com a ajuda da memória. Loureiro ainda continua a refletir sobre essa relação do espaço-rio com o imaginário.

O próprio homem da terra, ao penetrar no emaranhado dos rios – que se interligam, se estreitam, se alargam, mudam de cores e profundidades, exibem e escondem perigos – desse mundo que parece não ter fim, se dá conta do real enquanto uma vaga forma de imensidão que se confunde com o imaginal (LOUREIRO, 2015, p.115).

Temos na narrativa de Daniel e Maciste essa configuração de potencialização do espaço-rio por meio do texto verbal e visual. As ilustrações trazem uma força para o texto verbal em que o leitor se permite adentrar na narrativa e conhecer esse imaginário amazônico acompanhado das duas linguagens, dessa relação dialógica construtiva.

Nessa narrativa, vemos a força do rio, do espaço amazônico e sua potência na vida do menino que, após 40 anos, tenta retornar a esse espaço pela memória. A narrativa conta a história de um menino que tenta contar sua história e de outros por meio da memória, e traz consigo situações amazônicas pontuais que perpassam a realidade dos amazônicos: as águas grandes, a destruição dos rios e florestas, a contação de histórias, a oralidade por meio de sua avó, as brincadeiras que o rio proporciona quando está na época da cheia. São realidades que se relacionam com criação poética verbal e visual, potencializando o espaço amazônico e o imaginário.

Figura 2 – As águas grandes e o imaginário



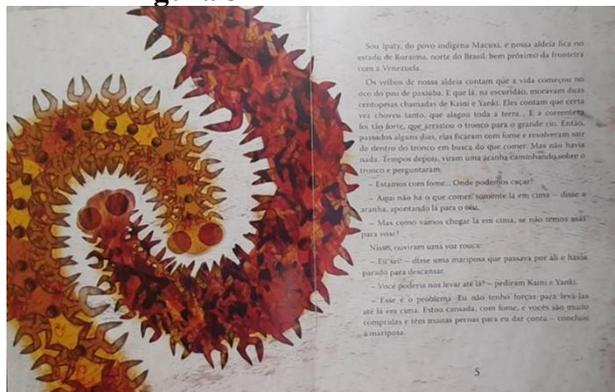
Fonte: Leite, 2013.

As águas grandes (tempo de cheia) era um tempo em que o imaginário crescia, o rio virava mar, as narrativas orais contadas pelos mais velhos afluíam e faziam parte daquele mundo poético, mítico e imaginário. O rio era uma porta para adentrar no mundo dos peixes, das encantarias, do universo amazônico. Quando o menino diz: “Palavras são mundos que acontecem. Eu, menino, assim imaginava”, nos leva a relacionar ao mundo imaginário amazônico, a um mundo em que as linguagens são utilizadas para tentar representar as várias culturas e identidades amazônicas.

Sobre o livro *Ipaty, um curumim na selva*, escrito por Ely Macuxi e ilustrado por Maurício Negro, visualizamos uma colaboração entre as linguagens verbal e visual, um jogo de preenchimento entre elementos externos sociais e culturais (temática indígena) com as representações imagéticas que promovem novas perspectivas e desvinculam o olhar colonizador sobre narrativas indígenas.

A página que traz o texto verbal e o texto visual nos apresenta uma ilustração que sangra para outra página configurando-se ser uma página dupla. O texto verbal traz informações sobre Ipaty, seu povo e localização. E a partir daí, identificamos o imaginário sendo constituído por narrativas orais passadas para a escrita.

Figura 3 – Início da narrativa



Fonte: Macuxi, 2010.

Nessa folha dupla, o texto verbal nos traz informações sobre o narrador da narrativa, o indígena Ipaty: “Sou Ipaty, do povo indígena Macuxi, e nossa aldeia fica no estado de Roraima, norte do Brasil, bem próximo da fronteira com a Venezuela.” (2010, p. 5). Há uma apresentação do narrador e sua relação com o povo indígena a qual pertence. Em seguida, o texto verbal traz alguns elementos que fazem parte da cultura indígena do povo macuxi: a presença do velho contador de histórias e a contação de narrativas indígenas: “Os velhos de nossa aldeia contam que a vida começou no oco do pau de paxiúba. E que lá, na escuridão, moravam duas centopeias chamadas de Kaini e Yanki.” (2010, p. 5). A narrativa traz a história de duas irmãs centopeias que ficaram isoladas num tronco de paxiúba após uma inundação e estavam com muita fome. E a partir desse contexto, houve o começo da vida: a origem do homem indígena. A ilustração à esquerda nos traz, numa primeira leitura, as duas centopeias que estavam com fome e precisavam resolver o problema. O interessante é olharmos com bastante atenção a constituição dessas centopeias. São formadas por indígenas, vários desenhos de indígenas que integram as pernas das centopeias. As cores das centopeias se dividem em amarelo e vermelho, cores que chamam a atenção do leitor. A ilustração também invade o espaço do texto verbal, sangra para a outra página possibilitando um envolvimento da centopeia com o texto e o livro, já que as duas centopeias sangram também para além do livro, sem a existência de possíveis margens.

A criação do mundo perpassa por personagens animais que possuem fala e simbolizam contextos míticos que fazem parte da cultura indígena. As personagens são centopeias, aranha, mariposa, cobras etc. As narrativas indígenas apresentam técnicas identitárias que demonstram, segundo Munduruku (2009, p. 8) “a capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro”. Munduruku continua: “A escrita é uma técnica. É preciso que a gente indígena domine essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor de si mesmos. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência”. Assim, a escrita indígena pode ser caracterizada como uma forma de competência linguística que busca afirmar uma competência de transformar as memórias, as histórias orais em escrita e apresentar suas identidades. Isso acontece na narrativa de Ely Macuxi, quando há uma recuperação da história oral para a criação do homem.

Como estavam muito cansadas e suas pernas não suportavam o peso do corpo, temeram despencar, então, resolveram fazer um ritual e pedir para o Criador diminuí-las de tamanho, pois tinham que caçar comida para os parentes do mundo de baixo. Assim, Yanki e Kaini foram transformadas em homem e mulher, para que não deixassem faltar comida aos parentes que viviam no mundo da superfície. (2010, p. 6)

A narrativa, por meio do mítico, da criação, da identidade indígena, nos apresenta uma história com elementos que nos dão uma nova perspectiva, a do indígena. Segundo Costa e Coenga (2015, p. 67) “Quando escrevem suas narrativas, os escritores indígenas apregoam todo seu legado mítico, carregado de magia, de elementos divinos e fabulosos, que caracterizam as personagens, os espaços e os enredos das histórias”. Assim, temos uma narrativa em que a identidade indígena é perpassada por vários elementos que constituem sua formação e sua criação cultural possibilitando significados ao leitor.

E a busca desses significados não pode se limitar a dizermos que seja uma ‘estética indígena’, mas ‘estéticas indígenas’. Pontuamos essa afirmação nas palavras de Velthem:

Um aspecto que deve ser sempre destacado, considera que as múltiplas artes e estéticas dos povos indígenas são geralmente referidas, na mídia assim como em compêndios escolares, com uma expressão no singular. Entretanto, uma qualificação desta ordem não pode ser considerada, pois criar pinturas corporais, músicas, mitos, artefatos significa, para cada povo indígena, a possibilidade de reafirmar uma visão de mundo, de pensar o coletivo e o indivíduo, de construir sua própria identidade e desenvolver um estilo próprio (VELTHEM, 2000). Desta forma não existe uma arte, assim como uma estética, que seja comum e geral dos índios, portanto, o plural – artes ou estéticas indígenas – se impõe em todos os contextos, uma vez que expressam tantas concepções quantas são as sociedades que as produzem. (2019, p. 17)

Assim, cada comunidade indígena possui a sua estética, a sua visão de mundo, a sua própria identidade. As cosmologias, segundo Miranda (2021), “estudam o universo de uma dada cultura em seus saberes constituídos. No caso dos povos indígenas são experiências, saberes e tradições originárias destas populações na especificidade da cultura de cada povo”. Assim, o texto de Ely Macuxi e as ilustrações de Maurício Negro buscam apresentar essas cosmologias, essas experiências, saberes e tradições de acordo com o povo macuxi, ocupando seus espaços e atualizando o imaginário amazônico.

Outro elemento característico que faz parte da estética indígena, identificaremos na narrativa escrita por Daniel Munduruku e ilustrada por Fernando Vilela: *A sabedoria das águas*, o momento da contação de histórias, de recuperar a oralidade. Em uma busca pelo entendimento pessoal e da comunidade, Koru, um indígena conta a sua esposa a história em que ele passou por uma experiência ímpar:

Figura 4 – A importância do contador de histórias para o imaginário amazônico



Fonte: Munduruku, 2004.

Esse trecho da narrativa de Munduruku traz o significado e a importância do contador de histórias em uma comunidade indígena. O repassar das experiências, das narrativas orais. Um elemento que está ligado ao imaginário amazônico.

Escrever sobre a Amazônia é uma aventura e uma experiência artística que estimula o imaginário, o simbolismo e as relações sociais entre ribeirinhos, indígenas, amazônicos, não-amazônicos e todos que fazem parte desse mundo cultural local e universal. Loureiro afirmou:

O homem simboliza onde quer que ele esteja e, com isso, atualiza e enriquece as relações com a realidade. Mas nenhum homem simboliza somente para si mesmo. E nem a partir apenas de si mesmo. Simboliza ou cria apoiado em uma herança cultural local e universal. Há uma relação intercorrente da criatividade individual com esses conjuntos de valores materiais e espirituais universais que se acumulam no trajeto antropológico do indivíduo em sua prática histórico-social, onde se configura o inconsciente coletivo [...]. (2007, p. 18).

Loureiro nos lembra desse mundo imaginário e simbólico, repleto de magia, devaneio, crença nas relações humanas e não-humanas. E tudo isso por meio da relação entre o homem e a natureza. Morar na Amazônia é uma prática cultural antropológica que envolve uma configuração simbólica com a natureza.

Figura 5 – O banho de sabedoria dos rios



Fonte: Munduruku, 2004.

Escutar vozes distintas das já ouvidas, publicadas e disseminadas por muito tempo sobre a Amazônia é ver os povos indígenas, por exemplo, nos mostrando suas culturas, suas identidades, suas cosmogonias. E tudo isso perpassa pelo imaginário e pelo espaço amazônicos. Pizarro afirmou:

A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela. Ela tem sido pensada, em nível internacional, através de imagens transmitidas pelo ideário ocidental, europeu, sobre o que eles entendem ser natureza, ou, em outras palavras, sobre o lugar que a Amazônia ocupou na experiência, imagem que foi em diversos textos: crônicas, relatos de viagens, relatórios de cientistas, informes de missionários. Somente no final do século 19, foram recuperadas as linguagens que deram pluralidade ao discurso amazônico, de forma que hoje já podemos escutar vozes distintas (PIZARRO, 2012, p. 31)

Assim, a voz de Karu, Maira e seus antepassados, na narrativa de Munduruku, revelam uma mudança nessa trajetória literária e histórica sobre a Amazônia. É um imaginário e um espaço amazônicos sendo reconfigurados a partir da voz indígena, das narrativas orais, de um povo que sempre teve sua cultura e suas histórias.

Vamos agora, apresentar uma escritora e um ilustrador que produziram uma narrativa que faz parte dessa criação artística que transfigura nossa realidade com os saberes locais e universais. A obra da escritora Gabriela Romeu e do ilustrador Kammal João, *Diário das águas*, lançada pela Editora Peirópolis em 2022. A narrativa nos mostra, em formato de um diário ilustrado, o conhecimento adquirido por meio de várias viagens e por diferentes rios, incluindo o rio Amazonas (AM), rio Humaitá (AC), rio Madeira (RO), rio Oiapoque (AP), rio Tapajós (PA), rio Xingu (PA), rio Jequitinhonha (MG) e rio Marimbus (BA). Além dos igapós e igarapés imaginários, como escreveu a própria autora numa das folhas do diário:

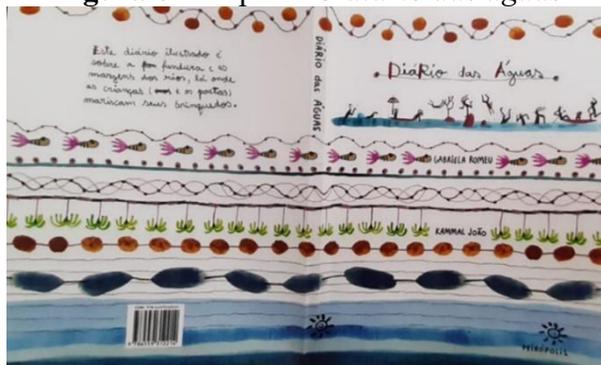
Bacia das Lembranças

Este diário surgiu a bordo do tempo, ao longo dos rios.

Os fragmentos, relatos, verbetes, mapas, receitas e perguntas, entre outros lampejos, foram mariscados em cadernetas e lembranças depois de incursões por estradas aquáticas, em diferentes tempos e rotas, sempre tendo as narrativas vividas pelas crianças das beiras e beiradas como rumo.

Gabriela, de uma forma poética, nos apresenta o início dessa aventura pelos rios do Brasil.

Figura 6 – Capa de *O diário das águas*



Fonte: Romeu, 2022

Essa narrativa nos apresenta, poeticamente, alguns caminhos pelos rios da Amazônia e por uma cultura ímpar, cheia de mistérios, identidade e flashes das vidas dos ribeirinhos, sujeitos que moram à beira dos rios e possuem uma relação diversificada com os espaços rios, floresta, casa, e acabam criando uma estética de vida e de simbolismo com a natureza, como vimos em *A história das crianças que plantaram um rio*. A capa nos traz as possíveis camadas de sentido que os rios e os sujeitos que lá moram promovem a partir da relação com a natureza. Essa relação é humanizadora, insere o leitor em uma estética amazônica com direito à fantasia e à ficção, em que o devaneio é necessário, é interligado à realidade, faz parte da vida dos que moram nesses espaços. A partir dessas criações, mitos e lendas, a identidade se constrói, o imaginário se alimenta e a vida dos ribeirinhos caminha criativamente e se expressando de várias formas, como podemos relacionar às palavras de Antonio Candido:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, [...]. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 1972, p.83).

Dessa forma, a ilustração e o texto verbal contribuem para que possamos continuar a alimentar essa nossa necessidade de arte, de consumir imaginação, fantasia e devaneio.

Figura 7 – São muitos os tempos daqui.



Fonte: Romeu, 2022

A ilustração de Kammal João nos reporta aos vários tempos que os rios ditam para a contextualização de quem mora perto e sobrevive desse elemento que, segundo Leandro Tocantins (2001) comanda a vida:

O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem ele o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem girar a civilização - comandam a vida no anfiteatro amazônico. (2001, p.278).

Essa junção que ilustrador e escritora realizam para representar os vários tempos que o rio cria, de acordo com suas cheias e vazantes, como disse Tocantins, “[...] farnel do pobre e do rico, determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos [...]”, o rio comanda a vida de todos e determina os tempos: tempo das corredeiras, dos começos, dos acaris, de vigília, da mata, de debulhar, da piracema, da vazante, das avós. Há tempo para tudo e também para contar histórias. A narrativa de Gabriela Romeu e as ilustrações de Kammal João nos trazem uma amostra dessa Amazônia inundada de águas, de beleza, de cultura e de tempos possíveis. Tudo isso por meio da relação colaborativa entre as linguagens verbal e visual, entre o texto escrito e a ilustração, entre as várias camadas de sentido que essa colaboração proporciona. Já dizia Rui de Oliveira: “a leitura de uma obra

de arte se dá por camadas, níveis, filtros esclarecedores; são aproximações que nos revelam uma das muitas fases da arte”. (2008, p. 30).

As ilustrações de Kammal não repetem o texto verbal de Gabriela. São duas narrativas que se complementam e fornecem informações a mais, elementos que não constam na narrativa escrita aparecem na narrativa visual. Um exemplo dessa colaboração entre as duas linguagens é quando acontecem as chuvas e se anuncia a subida das águas.

Figura 8 – A subida das águas e o movimento das casas



Fonte: Romeu, 2022

O texto de Gabriela Romeu traz a cheia dos rios, algo difícil para os ribeirinhos, de forma poética, com entonações criativas: “Hoje, as chuvas anunciam a subida das águas a escalar ribanceiras. É quando as margens espreitam vizinhanças, o rio namora a mata. No espalhar das águas, um labirinto de igapós, lagoas e alagados.” (p. 24). No texto verbal, temos elementos com vida, com ações humanas: chuvas que anunciam / as águas escalam / as margens espreitam / rio namora / - são poeticidades críveis para os ribeirinhos, uma expansão do imaginário em que o incrível se torna crível, como já dizia Loureiro:

Na vida amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula, que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela des-coberta das coisas. Nesse procedimento – de uma verdadeira metafísica poética -, o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se crível, o sobrenatural resulta em natural. Trata-se de, um estado poético que evolui do devaneio, da livre expansão do imaginário [...] Sob esse estado é que o homem da Amazônia vai criando e habitando seu mundo, construindo uma realidade condizente com seu desejo, como se vivesse no processo de uma poética em ação. Uma poética operada pelo sentido imaginal, que confere à cultura uma leveza [...]. (2001, p. 13).

Esse estado em que o homem da Amazônia vai criando e habitando seu mundo foi representado na narrativa de Gabriela Romeu, uma busca pelo crível por meio do incrível,

fazer do impossível algo possível e capaz de se expandir junto com o imaginário e a realidade amazônica. As ilustrações de Kammal trazem o movimento que as casas fazem quando a cheia chega, os rios sobem, e as casas passam a ter pernas cumpridas e a se movimentar para o alto, como se fossem um mundo à parte, um espaço em que acompanha o processo das águas. A casa para os ribeirinhos não é algo fixo, estável, pelo contrário, precisa acompanhar os comandos dos rios de uma forma integrada com a cultura local. Trazemos novamente Loureiro quando teoriza essa relação do homem com a Amazônia.

Situado diante de uma natureza magnífica, de proporções monumentais, o caboclo, além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com ela, construiu um sistema cultural singular. Uma cultura viva, em evolução, integrada e formadora de identidade. Cultura que, no sentido ético e estético, constitui uma espécie de paideia, de bildung amazônica, constituída por indivíduos formados segundo um modo de relação profunda com a natureza e dos homens entre si. Relação pela qual o homem foi formando seu mundo e a si mesmo desde a invenção de uma teogonia até às pequenas ferramentais e usos de seu cotidiano prático. Um modo de ser no mundo e com o mundo que se vem constituindo na horizontalidade da convivência espontânea com a natureza, na verticalidade aurática do sentido do sublime a ela inerente, de um pensar cultural em liberdade com a natureza, marcado pela poeticidade e sentimento de comunhão cósmica. (2001, p.15-16).

A relação escrita e ilustrada em *Diário das águas* dialoga com as palavras de Loureiro ao pontuar sobre a criação de um sistema cultural singular realizada pelo caboclo em seus espaços horizontais (rios, igarapés, igapós) e verticais (relação cósmica e simbólica com os seres sublimes). No caso da narrativa analisada, temos o espaço horizontal sendo modificado de acordo com a relação construída com os rios, igarapés e igapós numa conexão profunda com a natureza. As ilustrações nos trazem essa relação visualmente, as casas levantadas por causa dos rios, das cheias, a construção realizada pelos amazônicos que não brigam com a natureza, mas desenvolvem essa relação profunda com o cotidiano que não deixa escapar nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário amazônico é um mergulhar nos rios, nos lagos, nas histórias contadas por pajés, por caboclos, por vós e pelas crianças. É um mundo híbrido em que convivem várias estéticas amazônicas com suas identidades, culturas e processos de criação. Quando escritores e ilustradores tentam representar, significar, concretizar essas Amazônias em literatura escrita e ilustrada, temos a possibilidade de conhecer mundos

vistos, inventados, experienciados por moradores da Amazônia, indígenas e não-indígenas, e também estrangeiros de outras regiões.

A literatura infantil e juvenil contemporânea que versa sobre a Amazônia traz uma rica experiência para o leitor, seja da Amazônia ou não. Daniel Munduruku e Fernando Vilela construíram uma narrativa verbovisual em que o espaço do rio ganha destaque por ser um lugar encantatório e carregado de uma estética amazônica criadora de sabedoria, histórias, mitos, crenças e uma cultura de respeito à natureza. Essa reflexão é determinada pela junção do texto verbal e do texto visual.

Na narrativa de Ely Macuxi e Maurício Negro, temos uma identidade indígena ocupando os espaços e o imaginário de forma criativa em que a “encantaria da linguagem” (LOUREIRO, 2000) oral e visual se cruzam e constroem sentidos. Segundo Janice Thiél “as obras Indígenas [...] apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. E esse entrecruzar de linguagens é realizado pelo escritor e ilustrador na medida que a ilustração alcança o objetivo de ampliar os sentidos do texto verbal.

A narrativa de Daniel da Rocha Leite e Maciste Costa evocam o imaginário infantil, a memória de um homem de 40 anos recriando suas lembranças sobre um rio, sobre um lugar, sobre a Amazônia. São referências construídas que alargam o sentido de ser criança na época das cheias e na época da seca. São crianças e vós que se enxergam na vida dos rios, nas brincadeiras e nas histórias contadas. É um imaginário amazônico que resgata o valor da contação de histórias, do se adaptar às idas e vindas dos rios, do saber plantar um rio. É ver a vida passar por uma fresta no assoalho de madeira nas águas do rio que faz parte de cada morador da Amazônia. É uma congruência entre homem e natureza, como afirmou Loureiro: “Sob o sfumato do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando o horizonte das águas que lhe parece como a linha que demarca o eterno, o homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo dominado por ela”. (2000, p. 8).

Gabriela Romeu e Kamal nos brindam com uma viagem pelos rios amazônicos, uma experiência que resultou em uma obra ilustrada e representativa. Uma narrativa sobre a Amazônia pelo olhar de dois sujeitos de fora. Olhares que representam uma Amazônia em plena vida, na efervescência do seu dia a dia, de seu cotidiano, de suas marés altas e baixas, de suas histórias sobre boto, cobra grande e mãe-d’água. Uma obra que reúne

alguns pontos do imaginário amazônico nos espaços ribeirinhos, nas beiras dos rios que são vida e fonte de criação.

As narrativas infantojuvenis amazônicas contemporâneas que foram apresentadas nos dão uma ideia de como esse gênero pode contribuir para trabalharmos com identidades, criação literária, sociedade indígena, sociedade amazônica, mitos, imaginário e culturas. A Amazônia é um rico espaço em que podemos pesquisar e aprender a conviver com a diferença, com o Outro, com as possibilidades de várias identidades que se formam a partir de uma relação produtiva e respeitosa com a natureza. O imaginário e o espaço amazônicos são construções que se transformam à medida que escritores, ilustradores, romancistas, contistas, músicos, leitores e expectadores realizam a leitura ou ouvem uma história, aceitando o desafio de entrar nesse rio, nessa floresta e se permitir ao diferente, a um mundo novo e cheio de encantarias amazônicas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**.

Vol.24 nº 9. Set.1972.

COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M.; COENGA, Rosemar Eurico. A literatura infantil e juvenil indígena brasileira contemporânea: uma leitura da obra *Irakisu: o menino criador*, de Renê Kithãulu. **Contexto** (ISSN 2358-9566) Vitória, n. 28, 2015/2.

LAGROU, E.; VELTHEM, L. H. VAN. **Artes indígenas: outros olhares**. BIBANPOCS. São Paulo, 87(3):133-156, 2018.

LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio**. Ilustrações de Maciste Costa. Belém: Ponto Press, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas: poesia I**. São Paulo: Escrituras, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Conversão Semiótica: na Arte e na Cultura** – Edição Trilíngue. Belém: EDUFPA, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Códigos do imaginário amazônico. In: Maneschy, Orlando Franco. **Amazônia, lugar de experiência**. Belém: Ed. UFPA, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica** – uma poética do imaginário. 5. Ed. Manaus: Valer, 2015.

MACUXI, Ely. **Ipaty – o curumim da selva**. Ilustrações: Maurício Negro. São Paulo: Paulinas, 2019.

MEDEIROS, Juliana Pádua Silva. **Trouxe a chave?** As materialidades do livro interativo analógico na livro de infância, um convite a abrir as portas da recepção. Orientadora: Marisa Philbert Lajolo. Tese (Doutorado em letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2022.

MIRANDA, Marina [et al]. **Guardiões e Guardiãs da terra e do céu**; cartas originárias de crianças indígenas para o mundo. São Paulo: Tupiaba Projetos Originários; 2021.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena: o tênue fio entre escrita e oralidade, **Jornal Mundo Jovem**, nº 395, abril de 2009. P. página 8.

MUNDURUKU, Daniel. **Sabedoria das águas**. Ilustração de Fernando Vilela. Global Editora, 2004.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli** – reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2008.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2012.

ROMEU, Gabriela. **Diário das águas**. Ilustração: Kammal João. São Paulo: Peirópolis, 2022.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida** – uma interpretação da Amazônia. 9. ed. Manaus: Valer/Edições Governo do Estado do Amazonas, 2001.

VELTHEM, L.H. “Evocar outras realidades”: considerações sobre as estéticas indígenas. In: **3. Colóquio de Estética da FAFIL/UFG: Estéticas indígenas** [ebook] / organizadores, Carla Milani Damião e Caius Brandão. – Goiânia: Gráfica UFG, 2019.